

## CASTELAO AGORA E SEMPRE

RICARDO CARVALHO CALERO  
Universidade de Santiago

### Castelao agora

Castelao agora reclama especialmente a nossa atençom enquanto este ano se cumprem cem do seu natalcio. É boa ocasiom para repormo-nos os problemas que a sua personalidade, tam rica e fecunda, suscita. Assi que este Congresso está sobejamente justificado. Que eu seja quem abra com umha liçom inaugural a série de ponências e comunicaçons previstas, nom me é, claro está, imputável, porque nom fago outra cousa que obedecer o convite da Comissom Organizadora. É umha prova de estimaçom que nom podu menos de agradecer, ainda que o encargo que se ma fai me obriga a intentar umha aproximaçom, umha introduçom a Castelao que, conforme os desejos, cortesmente exprimidos, dos convidadores, haverá de contemplar macroscopicamente a figura profética do nosso Daniel, como humilde pórtico erigido respeitosamente em calidade de entrada ao edificio de firmes alicerces científicos que os especialistas vam construir. Gostaria eu de somar-me a estes e achegar um pequeno contributo, forjado cos instrumentos que o meu officio me habituou a manejar, em troca de traçar o mapa a grande escada que prepare os assistentes para a viagem através dos muitos caminhos que a personalidade de Castelao nos convida a calcar. Mas defronto a tarefa que se me assinalou, sem preocupaçons de luzimento, e desde logo coa natural emoçom em quem foi, como outros galegos comigo sobreviventes da desfeita dos tempos, amigo, colaborador e discípulo de Castelao, emoçom acrecentada polo feito de que esta homenagem que se rende ao grande home, e na que eu devo pronunciar, como estou pronunciando, as palavras do introito, tem como lugar de celebraçom um recinto para mim sagrado, ainda que profanado muitas vezes, ao que tivem acesso por primeira vez hai agora sessenta anos -nada menos-, cando cos dezasseis nom cumpridos ingressava como aluno na Universidade em que havia outer duas o grau de licenciado.

### Castelao mito

Castelao nace o ano que segue ao da morte de Rosalia, cando se esperava o nascimento de umha criatura, filha póstuma do rei Afonso XII, que, de ser varom, herdaria a coroa de Espanha e levaria o nome do seu pai, como assi foi. Por isso Castelao, da mesma idade de Afonso XIII, levou o nome do que foi rei

desde o mesmo dia do seu nascimento. Entre o falecimento de Afonso XII e o reinado de Afonso XIII houve um breve interregno. Exercia a regência a viúva real, dona Maria Cristina de Habsburgo-Lorena, e era princesa de Astúrias, e herdeira do trono enquanto não assumisse eventualmente esse título um futuro possível irmão varom, a criança real dona Mercedes, a maior das duas filhas do rei defunto.

Umha situação paralela produzia-se no reino dos mitos ou símbolos de Galiza. Uns meses separam a morte de Rosalia do nascimento de Castelao, que havia ser o sucessor daquela no sôlido da representatividade galega. Tamém hai um interregno nesta esfera. Ainda que haveria que esperar o advento do século XX para que Castelao assumisse realmente o papel que como defensor e intérprete do povo galego desempenhava com anterioridade Rosalia.

Temos aqui umha linha dinástica de popularidade e de representatividade galega que nem antes nem depois regista mais nomes. Claro está que estes, os da autora dos *Cantares* e o autor das *Cousas*, pertencem ao campo da cultura, mas entendendo este termo na sua mais ampla significação. Porque ainda que Rosalia e Castelao foram criadores artísticos, escritores ambos, e o segundo pintor e desenhista, a sua assimilação polo povo galego como figuras representativas não se funda na perfeição técnica da sua arte, mas no que nela hai de reflexo, por umha banda, da realidade essencial do seu país, e por outra da defesa que do mesmo se contém nessa obra.

Decerto que houve muitos artistas galegos que com maior ou menor fortuna reflectiram a realidade galega, e uns poucos que cultivaram umha arte reivindicativa dos valores da colectividade. No entanto, a fortuna de Rosalia e Castelao como encarnações daquela realidade e campeões daqueles valores excede a qualquer outra fortuna. Reduzindo-nos ao terreno da literatura, alcançaram feliz êxito um Curros, um Pondal, um Cabanilhas, um Otero Pedraio. Mas com gozar estes quatro escritores -e outros, em nome pequeno número- de fama e simpatia indubitáveis por parte dos galegos, nenhum deles, nem sequer aqueles que foram objecto freqüente de homenagens colectivas, como Curros e Otero, passaram os limites que separam os homes celebrados e queridos, dos heróis elevados a categoria de génios familiares, de lares ou manes instalados apoteosicamente na galeria de antepassados e no panteom nacional de potências protectoras e espelhos reflectores das essências da etnia.

Na realidade, estas duas pessoas, Rosalia e Castelao, foram escolhidas pola consciência nacional para a heroização, para a beatificação; e assi ocupam lugares sobranceiros no templo das nossas liturgias e nos altares das nossas devoções comunitárias.

Enfim, Rosalia e Castelao foram objecto de mitificação. Bouça Brei ou Paz Andrade escreverom sobre as vidas daqueles, e graças a esses e outros biógrafos conhecemos em linhas gerais -e às vezes em concretos pormenores- as incidências dos seus passos pola terra. Mas além das suas vidas, ainda que como sublimação das mesmas, estão as suas lendas, quer dizer, a projecção, nos céus dos impulsos idealizadores, da sua realidade humana, transformada em sacralização arquetípica.

Algo houvo, pois, em Castelao que nom se dava, ao menos com igual intensidade, nos outros petrúcios mencionados. Curros, Pondal, Cabanilhas, Otero som figuras de importância capital na história da literatura galega, e os catro tiverom admiradores entusiastas e devotos amigos. Mas Castelao é sentido polo povo galego como algo mais que um político. Forom essas actividades, desde logo, as que lhe fornecerom os caminhos polos que logrou penetrar na mente e na entranha cordial do povo galego; mas isso foi possível porque o povo galego percebeu nessas actividades, um grau superior, a galegidade. Castelao foi talvez um grande artista, um grande escritor, um grande político. Cada quem é dono de crê-lo ou non crê-lo assi. Mas o povo que o conheceu, o povo que tivo acesso à sua vida e à sua obra, na terra da sua crucifixom ou no céu da sua glória, tivo-o, sem vacilaçom, por um grande galego. A Galiza viu-se reflectida nel. E admirou-no e amou-no com amor próprio.

Isto é o que hai de natural e sao na "mitificaçom" de Castelao. Se se quer, umha cristalizaçom, como a que na teoria de Stendhal sofre o ramo de abeto que se transfigura na mina de Salzburgo. Assi que se trata de umha visom verdadeira de um feito complexo no que se tem isolado a essência, a entranha, prescindindo da casca intranscendente, acidental e anedótica. Nom tem, pois, sentido *demitificar* Castelao. É justo separar na sua vida o verdadeiro do falso, e na sua obra o relevante do irrelevante. Mas a apoteose com que o seu povo o honra é um dado mais que ter em conta para compreender a sua personalidade e traçar historicamente a sua figura. Essa apoteose rende-nos valiosa informaçom, porque autoriza ao nosso home como congenial co seu país.

## Castelao e Galiza

Esse país nom tem umha consciência unitária. Ainda que as rápidas transformaçoms dos dias que correm, estão pondo em questom muitos dos nossos tópicos antigos, é evidente que na Galiza moderna duas étnias convivem. A étnia da cultura tradicional, elevada dificultosamente do nível popular ao nível ilustrado polos esforços de umha aristocracia intelectual, e a étnia da cultura importada. Aquela, mesmo na sua sublimaçom mais consciente, espiritual e distinguida, tem por língua a galega, que em virtude de um inexorável processo dialéctico deve caminhar para a depuraçom de elementos exógenos ou para a resignada ou inconsciente confusom coa língua do Estado. A etnia da cultura importada, herdeira de sangue ou de adopçom dos chegados de fora, fala a língua destes. Castelao consagrou o fundamental da sua obra a dar voz ao silêncio de séculos da etnia primitiva, a que conservou a fala própria, e a advogar, como desenhista, como escritor, como político, polos interesses espirituais e materiais desse mesmo grupo social. E esse grupo reconheceu-se em Castelao. E por isso Castelao foi o sucessor de Rosalia.

Esta modesta meditaçom nom pode converter-se em exercício retórico ou em discurso político. Assi que haverá que fazer certas pontualizaçoms para que nom se confunda co que nom quer ser. Hai, pois, que insistir no feito de que

umha grande parte dos avizinhadados nesta comunidade autónoma, protegidos polas leis constitucionais, se sentem alheios a essa comunhom na adesom à pessoa e à obra de Castelao que caracterizamos como expressiva dos sentimentos dos galegos. Os galegos que se interessam cordialmente pola vida e a obra de Castelao, som, em princípio, aqueles que inconscientemente ou conscientemente obram e vivem como galegos e están marcados pola condiçom de tais. Mas, sem ânimo de negar a ninguém credenciais de cidadania galega, parece-me que, culturalmente falando, é esse grupo que actua e existe, na medida do possível, dentro dos limites da continuidade histórica e do património local, o que aos efeitos que consideramos representa a Galiza.

Essa Galiza é a que hoje estuda ao mais querido dos seus filhos, ao que gozou em vida de umha popularidade mais ampla e sustida. Porque a sua consagraçom à sua terra foi ainda mais constante que a de Rosalia, e nesse sentido entranhou-se na vida do seu povo ainda mais que a autora dos *Cantares*. Bem que em Castelao, como em tantos outros pessoeiros de Galiza, havia gotas de sangue forasteiro, a sua traça individual, os seus acenos, a forma interna da sua conversa, eram, como os seus costumes, tipicamente galegos. Qualquer marinheiro de Rianjo, qualquer paisano da Amaña podia comodamente dialogar ou conviver com Castelao, cujo repertório cerimonial de conduta, cujas formas de comunicaçom social, eram natural e fundamentalmente as mesmas da gente do mar e da terra à que pertencia a sua estirpe. O seu humor popular, a sua afectividade expansiva suscitavam confiança. Nunca adusto, jamais soberbo, em nengum caso pedante, provocava a simpatia e a admiraçom do seu interlocutor pola sua cordialidade singela e a sua faiscante palavra.

De por parte, operou tamém significativamente nessa aceitaçom de Castelao polas camadas populares do nosso país, o feito de que o escritor, o orador, o humorista, empregasse sempre, tam natural como sistematicamente, a fala desse mesmo povo como instrumento de criaçom literária e veículo de comunicaçom coloquial. Nom me estou referindo a um uso, propositado ou irreflexivo, da fala tal como a ouvia ao seu redor na boca das gentes que a receberam por tradiçom iletrada, ainda sólida na sua estrutura, mas profundamente erosionada nos seus paradigmas pola pressom do castelhano oficial. Nos seus escritos literários, Castelao cuida extraordinariamente a sua linguagem, e na medida em que se lhe alcança, elimina barbarismos e afina o seu léxico, de jeito que este aparece como um galego de base popular depurado por um gosto artístico que o enobrece e o transporta ao registo culto. Mas nesse idioma de Castelao, o povo reconhece-se como num espelho favorecedor. Rosalia foi toda a sua vida umha escritora bilíngüe, mas Castelao foi rigorosamente monolíngüe na expressom literária. Falou ou escreveu em castelhano -umha vez calhada a sua personalidade- cando tivo que dirigir-se a auditórios ou públicos nom galegos, com fins didácticos concretos, e nom nos demais casos. Isto achegou-no ao seu povo, conservador dessa língua, intimamente instalado nela, ainda cando umha educaçom centralizante suscitasse na sua avaliaçom da mesma um perturbador complexo de inferioridade. Obscuramente sentia esse povo que Castelao, que tam bem o interpretava, que tam bem o conhecia, era como umha

sublimação da sua decaída realidade, que simbolicamente o redimia da mesterosidade que essa realidade supunha.

Um crítico minucioso poderia arguir que se está magnificando a repercussão de Castelao na consciência popular; mas tal argúcia constituiria só umha verdade a medias. Nos tempos de Castelao havia ainda entre as classes populares muitos analfabetos e um grande número de camponeses que mal podiam, ainda que soubessem ler, consagrar umha parte do seu tempo ao gozo artístico ou literário, luxo da sociedade culta e acomodada. Mas contodo, as *Cousas da vida* de Castelao, difundidas pola imprensa, cuja penetração nos lugares mais afastados era já umha realidade, derom a Castelao popularidade verdadeira. De jeito que a imadurez da consciência galega dos habitantes de Galiza, nom era já tam absoluta que umha obra tam ligada às formas de vida tradicionais e realizada mediante umha gramática tam singela e tam congenial coa mentalidade do povo, nom pudesse transmitir eficazmente a mensagem que constitui a sua substância.

### **Valedor do povo**

Logrou, pois, Castelao o seu primeiro impacto no público galego como artista gráfico, como desenhista satírico, como humorista, como registador de tipos e costumes, como denunciador de estigmas, como flagelador de injustiças. Lirismo, humorismo, ternura e censura, ironia e solidariedade cos oprimidos constituírom-no numha espécie de defensor do povo, que, sobre todo a partir das estampas do álbum *Nós*, foi reconhecido tamém polos ilustrados como um artista de poderosa inspiração social.

A sua actividade política achegou-no mais aos seus compatriotas. Se a sua intervenção nas públicas liortas da sua vila natal fígerom do moço Castelao umha figura sobresaliente, mas controvertida, no reduzido âmbito municipal, já na madurez, cando se traslada a Pontevedra, desde o momento em que começa a sua actividade no seio das Irmandades da Fala, um cenário mais amplo acolhe a sua actuação, que ecoa em toda a nossa terra desque consegue a sua primeira acta de deputado a Cortes. Orador mui eficaz, que preparava cuidadosamente os seus discursos e os recitava com grande sentido da receptividade do ouvinte e espectador, chegou a ser a mais popular das figuras políticas de Galiza, ao mesmo tempo que conquistava, coas suas obras literárias dos anos da República, o sufrágio dos intelectuais, que descobriam um grande escritor no que já todos consideravam um grande artista.

### **Do modernismo ao expressionismo**

Nom creio que se poda desdenhar a obra pictórica de Castelao, que é resultado de umha vocação espontânea e de umha educação autodirigida. Os óleos e as aguarelas de Castelao inserem-se dentro da corrente modernista que

produziu na nosa terra tantos excelentes pintores. Hai nas mais antigas destas obras um realismo costumista já mui alongado do que dominou a obra dos pintores decimonónicos do tipo de Dionísio Fierros. Como no caso de Corredoira, trata-se mais bem de umha utilizaçom dos motivos locais focados de umha perspectiva que descobre neles o atractivo do exótico. Tem-se passado da interpretaçom romântica e naturalista do galego, ao jeito de um Nicomedes Pastor Díaz ou umha Emília Pardo Bazán, a umha interpretaçom estilizante, como a romântica, e pintoresquista, como a realista, mas que procura um distanciamento estetizante e umha idealizaçom arquetípica do objecto inspirador, de forma que o assunto é tratado dentro de umha sorte de transfiguraçom simbolista. Agora o correlato literário, e muitas vezes o estímulo directo da obra plástica, é a narrativa lírica -quer dizer modernista- do Valle-Inclán novo: um "regionalismo modernista", mui aparente no verso e na prosa de alguns dos amigos escritores do Castelao mais antigo: um Fernández Mato, um Rei Soto, o mesmo Fernández Flórez. Ainda que defendida eficazmente do decadentismo polo vigor da sua raizeira popular, a arte de Castelao nesse género, ou nessas técnicas, e nesses anos, possui as características do estilo de moda no marco geográfico em que trabalhava, que era o estilo modernista. Mesmo as estampas em que o Paranho se estiliza ao jeito das paisagens das estampas japonesas, ou se desdebuxam entre manchas de cor as enas que brincam à roda num parque, bosque ou vergel, está presente o gosto da época da formaçom de Castelao. Nom prosseguiu Castelao muito tempo por este caminho, ainda que esta educaçom modernista permaneceu sempre como um substrato da sua interpretaçom artística do mundo, pronto a aflorar cando o assunto da obra serôdia -tal vez imposto por exigências laborais- o permite ou favorece. Mas o estilo dos seus grandes álbuns, tanto o *Nós* como os inspirados pola Guerra Civil, suponhem um avanço, ou umha imersom, na estética do expressionismo, tam natural num cultivador da caricatura e do desenho satírico, e tam interessado por Bosch, Brueghel e Huys na sua viagem a Bélgica de 1921, sem esquecer os evidentes contactos com Goya.

## O génio de Castelao

Arastora, algumha voz autorizada, e alguns ecos dessa voz, pronuncian-se com certa insistência contra a tendência, que se julga produto de um entusiasmo acrítico, a sublinhar a condiçom genial da obra pictórica de Castelao. Se nos situamos no plano da história universal da pintura, ou da história da pintura ocidental, resulta evidente que Castelao nom figura entre os nomes dos pintores que marcam fitos na evoluçom dessa arte. Pode-se editar ou escrever umha história da pintura em Paris, ou Londres, ou Roma, ou Berlim, em que Castelao nom seja mencionado. Ainda que a carreira de Castelao como pintor regista êxitos da importância da medalha de ouro na Exposiçom de Arte Galega de 1909, e mesmo da terceira medalha na Exposiçom Nacional (espanhola) de Belas Artes de 1915, é certo que, fosse por dificuldades procedentes da sua doença dos olhos, fosse por falta de tempo umha vez advogado definitivamente à sua actividade

cívica, fosse por qualquer outra causa, Castelao praticamente interrompeu aquela carreira numha determinada altura, renunciando a procurar a culminaçom da mesma. Concentrou-se no desenho, sector no qual de tempo atrás vinha trabalhando, especializado na caricatura e o debuxo satírico, ou na estampa que podemos chamar épica, porque reflecte os trabalhos e os dias do seu povo. Mas nom se pode afirmar que Castelao tenha sido um desenhista puramente didáctico, um apóstol consagrado exclusivamente a pregar um evangelho patriótico com desprezo da estética, ou servindo-se desta como mera técnica expressiva da sua mensagem ideológica. Nom só porque nom faltam realizaçoms de assunto galego dominadas por umha finalidade puramente artística, ainda que se poderia afirmar juizosamente que o assunto galego supom já um compromisso patriótico; mas tamém porque hai outras realizaçoms que nom som de assunto galego, como as estampas da *Faunália* ou as mesmas de negros de Cuba. Nestas últimas, o assunto pode arguir simpatia por umha raza oprimida, mas em todo caso, por muitas analogias que queiramos estabelecer, nom se trata de propaganda galeguista. A simpatia que desde logo caracteriza a Castelao polos débeis ou inferiorizados social ou biologicamente -nenos, velhos, labradores, marinheiros-, abrange certamente os negros; mas os negros em Cuba nom se sentiam menosprezados, e, em todo caso, quem encare sem prejuízos as estampas de pretos de Castelao, há de ver que é o espectáculo exótico, o cânon estético divergente que rege a graça corporal e a mímica, assi como a paisagem da manígua, o que atrai a Castelao para a execuçom daquelas estampas.

Castelao é um artista, e nom repudia de feito a criaçom puramente estética, ainda que no conjunto da sua obra domine a referênciã ao seu país. Isto é claramente perceptível na sua obra literária.

## A literatura

Esta é de capital importância na história da literatura galega. As *Cousas* e os *Retrincos* som deveras fitos na história da prosa galega. Tidas em conta as datas de composiçom dos mais antigos destes textos, posteriormente recopilados, podemos considerá-los como fundacionais no que di respeito à prosa galega do nosso século. Todo o anterior é decimonónico. Por mui interessantes ou curiosos que sejam os ensaios prosísticos de um Valhadares, um Lamas, um Lôpez Ferreiro ou um Labarta, estão mui longe da modernidade, do classicismo, da economia e da coerência das prosas de Castelao. Aqueles escritores parecem dirigir-se a um tipo de leitor educado ainda na confusom entre o galego e o rural. Ainda que o tema rural aparece com frequência na obra de Castelao, a sua literatura nom procura sistematicamente os motivos campesinos. A sua vila natal é cenário de muitas das suas narraçoms -nunca citada polo seu nome próprio-; e é a vida vilega e urbana, mesmo a que se desenvolve às portas do campo, assi como tamém em terras de imigraçom galega, a que buliga com mais novidade nas páginas deste grande narrador. Mais que na sua obra gráfica, onde achamos por vezes umha geografia temática nom galega, na obra literária de Castelao está

presente como espaço ou cenário Galiza, a Galiza metropolitana e a Galiza colonial. E no entanto, esta obra literária nom se acha dominada pola denúncia profética, mas polo desejo de elevar umhas estruturas poéticas de base galega semelhante à intençom dos escritores de costumes, ainda que depuradas de todo pintoresquismo realista. Tamém neste sector da obra de Castelao podemos registar a evoluçom do modernismo ao expressionismo. O ritmo reiterativo, a salmódia métrica de muitas das suas *Cousas* encaixam dentro das cadências e correspondências de que gostavam o simbolismo e o modernismo, tam propensos ao paralelismo musical e à melodia cromática. Mas em *Os velhos nom devem de namorar-se*, a sua derradeira obra poética propriamente dita, onde literatura, música e pintura conspiram para desenhar um espectáculo artístico tam plural e composto como o drama wagneriano, a estilizaçom tem abandonado a idealizaçom modernista para acentuar os traços em sentido expressionista.

Como pura literariedade, talvez as *Cousas* e os *Retrincos* nos dem o mais grado da arte do escritor. Este manifesta-se especialmente dotado para o relato breve, que às vezes deixa de ser narrativo e se reduz à descriçom lírica. As *Cousas* som, neste sentido, as células autónomas, as mónadas, da sua obra literária. Os *Retrincos*, *Os dous de sempre* e *Os velhos nom devem de namorar-se* som tecidos nos que aquelas células se associam. Mesmo o romance e a peça teatral podem analisar-se desse modo. A lei que rege aquela associaçom é por via de regra a simples parataxe. Nos *Retrincos* podemos advertir umha estrutura constante, que nos conduz de umha situaçom inicial a umha situaçom final através de umha modificaçom caracterizada por um duplo nó que se desenlça finalmente. Hai, pois, dous tempos no desenvolvimento da açom. A situaçom inicial experimenta umha modificaçom, mas esta nom nos transporta directamente ao desenlace, pois sempre aparece umha complicaçom que retarda ou dificulta aquel. O seguinte cadro facilitará a comprensom desta leitura dos relatos.

Ainda que nom excluo a possibilidade de outras análises, esta que proponho mostra a unidade dos procedimentos literários do autor, e ao mesmo tempo a concreçom e solidez das suas estruturas narrativas. Até certo ponto, os *Retrincos* som *Cousas* modificadas e complicadas, ou seqüências de *Cousas*, como *Os dous de sempre* estão compostos mediante a sucessom coordenada ou a juxtaposiçom continuada de capítulos, que funcionam à maneira de retrincos autónomos da história. No texto da peça teatral hai umha série de seqüências paralelas em todos os lances, que combinando-se segundo ordens distintas, constituem sucessoms lógicas inteiramente simétricas. Enfim, Castelao nom é um romancista ao jeito dos clássicos do século XIX, os grandes criadores da forma narrativa orgânica, articulada segundo umha sintaxe hipotáctica mui complexa. O relato breve, a miniatura literária em muitos casos, é o campo em que se move com mais pericia este criador literário. Mas teríamos que ser mui prudentes se quigêsemos outorgar ou negar a Castelao o título de romancista baseando-nos no único ensaio de narrativa longa que realizou. A técnica empregada polo rianjeiro no que se refere à distribuiçom em capítulos da substância narrativa, nom é a que adoitam os grandes mestres do romance europeu. Dentro da geraçom *Nós* é

Otero Pedraio quem representa essa linha: a linha de um Stendhal, de um Balzac, de um Tolstoy. Mas nas origens, o romance moderno construía-se mediante a juxtaposição de microrrelatos; era umha sucessom de contos emarcados. A "novela picaresca" espanhola, e antes o romance cavaleiresco, como a sua paródia cervantina, apresentam umha série de aventuras do pícaro, ou do cavaleiro, que é o procedimento que achamos em *Os dous de sempre*, texto no que hai muito de "novela picaresca".

Título	Motivo	Introduçom	Modificaçom	Complicaçom	Desenlace
<i>O Segredo</i>	A prova	O armazón de campanha	Morte do gaúcho	Ordem de segredo	Segredo mantido
<i>O Inglês</i>	A frustraçom	O patriotismo do narrador	Desastre de Cuba	Proposito de assassino	Salvaçom do inglês
<i>Peito de Lobo</i>	A reversom	Confecçom do cabeçudo	Cólera de Peito de Lobo	Reconciliaçom	Decadência do modelo
<i>O Retrato</i>	A ilusom	Solicitudade do retrato	Retrato realista	Rejeiçom do retrato	Retrato fantástico
<i>Sabela</i>	A transformaçom	Castelao nas festas	Sabela, mestra de Dança	Castelao deputado	Transformaçom de Sabela

## A língua

Para findar estas consideraçom, cumpre insistir na importância que a língua galega tem na obra de Castelao. Umha grande parte da sua produçom gráfica dobra-se de umha legenda, de um comentário verbal, cando nom é o desenho o comentário, e o essencial o texto escrito. E, como fica dito, toda a obra de criaçom poética do nosso autor está em galego. Umha glorificaçom de Castelao que nom vaia acompanhada de umha glorificaçom da língua galega, é inconcebível. Castelao tem-se definido como um artista que pujo a sua arte ao serviço do seu povo; e isto é verdade ainda admitindo que umha finalidade puramente estética adjaze tamém por vezes acarom da sua obra mais comprometida. Mas tratando-se da sua obra literária, nom cabe fazer distincões deste tipo. No conjunto, a criaçom poética de Castelao nom se pode considerar directamente encaminhada a um objectivo propagandístico. Nom está, evidentemente, dentro das características da literatura interveniente, que polos anos sessenta, como conseqüência das circunstâncias políticas, havia proliferar no nosso país. Mas se a literatura de Castelao nom é, nesse sentido, em termos gerais, literatura social nem política, bem se pode dizer que é literatura patriótica, enquanto está profundamente arraigada na vida e nos costumes da terra e enquanto o uso exclusivo nela do idioma nativo supom umha declaraçom de princípios galeguistas absolutamente concludente. E esta utilizaçom da língua

galega nom responde meramente, como noutros escritores, a umha emotividade populista. Nado num meio vilego onde o galego é a forma natural de expressom, Castelao nom assume o idioma de Rianjo por simples rotina ou comodidade localista ou superstiçom etnográfica. Move-se em virtude de princípios que confirmam o seu apego natural ao próprio. A sua conduta está fortemente ideologizada, e significa umha conseqüência do seu nacionalismo. Está inserida na doutrina comum a todos os membros das geraçoms do 16 e o 20, as geraçoms das Irmandades da Fala e da revista *Nós*, doutrina clara e inequívoca, qualquer que fosse em cada escritor a sua projecçom no terreno da prática. Castelao esforça-se por elevar a supradialectal o seu dialecto, por transformar em literária a língua coloquial. E esta língua nom é para Castelao umha língua administrativamente espanhola, encerrada em catro províncias traçadas em 1833, com umha fronteira sul desenhada pola realeza e contra a realidade em 1095 ou 1138. A língua de Castelao, o galego, nom é para a sua teoria, exposta definitivamente desde o exílio, umha língua que troque de substância enquanto passamos pola ponte de Tui a Valença, ou no transbordador de Salvaterra a Monção. É, nom umha língua provincial, mas umha língua de uso transcontinental, umha língua extensa e útil, pois com ligeiras variantes fala-se em todo o ocidente ibérico, e em muitos territórios de África, Ásia, América e Oceania. Estas palavras nom som minhas, mas de Castelao, que, como é sabido, propugna a aproximaçom da nossa fala ao português até confundir-se com el. O qual pode agradar ou nom agradar a quenquer que seja, mas é a doutrina de Castelao, que, como vemos, nom professava o separatismo lingüístico dos que negam a unidade sistemática do fbero-románico occidental.

### Castelao sempre

Mal ficam perfiladas nas ideias que acabo de expor as características mais acusadas da personalidade de Castelao, figura sem a qual nom se pode comprender a significaçom da Galiza contemporânea. Artista que acerta a sintonizar, como Rosalia, co mais autentico do ser do povo galego, este aderiu espontânea e firmemente à obra plástica e poética do seu grande intérprete no século que corre. A sua actividade como home público, naturalmente sujeita à crítica mais imprevisível, nom foi um epifenómeno da personalidade do desenhista e o escritor, mas, de feito, um elemento integrante da sua fasquia histórica. Hoje, umha vez morto e soterrado, ninguém ousa em Galiza negar a sua galeguidade eminente. O seu sentimento e o seu humor, a sua entrega ao seu povo, a sua obra e a sua vida tam integradas na vida colectiva, figerom del um dos grandes símbolos ou encarnaçoms da nossa essência comunal. Neste Congresso, especialistas dos distintos campos vam fornecer-nos informaçom e interpretaçom de muitos aspectos da realidade humana que foi o nosso profético Daniel. A biografia de Castelao, o seu pensamento político, a sua obra artística e etnográfica, a sua criaçom literária, todo, enfim, canto atinge ao inesquecível e querido amigo e mestre que, como na famosa sardana, *canta dintre de la terra a*

falar-nos de *lo passat jamai passat*, será iluminado polas ponências, conferências e comunicaçons que imos escuitar. Serám um tributo filial e fraternal a este rebento de Galiza que ao mesmo tempo é pai de Galiza, pois contribuiu poderosamente a formar a sua consciência actual, na que nom poderá menos de viver Castelao sempre. Porque se Castelao nom vivesse, a Galiza, tal como nós a concebêmos, tampouco poderia viver.

RICARDO CARVALHO CALERO  
Universidade de Santiago